

Em Busca do Jesus Histórico... mais uma vez

David van Biema, "The Gospel Truth?," *Time* **15/147 (8 abril 1996) 52-59.**
Kenneth Woodward, "Rethinking the Resurrection," *Newsweek* **15/127 (8 abril 1996) 60-70.**

Jeffrey Sheller, "In Search of Jesus," *U.S. News & World Report* **14/120 (8 abril 1996) 46-53.**

Durante a Páscoa de 1996, três das principais revistas norte-americanas publicaram matérias de capa (vide referências acima) sobre os mais recentes desdobramentos da última e mais nova fase das pesquisas acadêmicas sobre o "verdadeiro" Jesus, empreendimento levado a efeito especialmente por estudiosos de linha liberal. Nessa época, Jesus também andou sendo capa de revista aqui no Brasil, em artigos que seguiam a mesma linha, em termos gerais.

Num certo sentido, o empreendimento não é original. Num livro publicado em 1906, que marcou época nos meios acadêmicos do estudo dos Evangelhos, Albert Schweitzer descreveu e analisou o que ele batizou de "a busca do Jesus histórico." Nesse livro (*The Quest for the Historical Jesus*), Schweitzer analisa os esforços de reconstruir a vida de Jesus feitos pelos pesquisadores críticos a começar do século XVII.

Os estudiosos críticos justificam a sua busca do "Jesus histórico" afirmando que a Igreja Cristã, pelos seus dogmas e decretos acerca da divindade de Jesus, obscureceu a sua figura humana, e tornou impossível, durante muito tempo, uma reconstrução histórica da sua vida. Essa impossibilidade tornou-se ainda mais severa após a Reforma, quando a exegese dos Evangelhos e do Novo Testamento em geral passou a ser controlada pelas confissões de fé e pela teologia sistemática. Argumentam que, para que se possa fazer uma reconstrução do Jesus histórico é, portanto, necessário deixar para trás os dogmas e a teologia sistemática, e tentar entender e reconstruir o Jesus da história. O principal critério a ser empregado seria a razão, que os racionalistas entendem como medida suprema da verdade. As ferramentas a serem usadas são aquelas produzidas pela crítica bíblica, como a crítica da forma e a crítica literária, entre outras.

Por dois séculos, estudiosos de dois continentes tentaram reconstruir o Jesus da história, porém, sem muitos resultados positivos. O Jesus reconstruído pelos liberais parecia mais o fruto da obstinação dos mesmos do que de uma séria pesquisa científica. O trabalho de R. Bultmann e K. Barth pôs um fim honroso à "busca" agonizante e declarou-a uma empreitada inútil. Bultmann convenceu toda uma geração de estudiosos de que o Jesus histórico estava tão soterrado debaixo dos mitos criados pela igreja nascente que os teólogos deveriam abandonar as esperanças de achá-lo e dedicar-se ao Cristo da fé.

Alguns discípulos de Bultmann, como E. Käsemann, tentaram reabrir a questão, mas o projeto estava novamente fadado ao fracasso. A falta de consenso entre os estudiosos, a natureza altamente especulativa da crítica da forma (a principal ferramenta empregada), e a impossibilidade de provar as hipóteses levantadas para explicar o surgimento do relato dos Evangelhos, acabaram por encerrar mais essa fase.

Mas, a idéia não morreu. Estamos testemunhando em nossos dias mais uma tentativa por

parte dos que não acreditam na historicidade dos Evangelhos, de achar a "verdade" por detrás desses relatos. Um grupo de 75 estudiosos de diversas orientações religiosas reuniram-se nos Estados Unidos há poucos anos atrás e fundaram o "Simpósio de Jesus" (*The Jesus Seminar*), que se reúne regularmente para levar adiante a "busca do verdadeiro Jesus." Seus pressupostos são basicamente os mesmos dos que empreenderam a "busca" antes deles, ou seja, que o retrato de Jesus que temos nos Evangelhos é uma caricatura produzida em grande parte pelo que D. F. Strauss chamou no século passado de "mito." Para Strauss, mito era uma idéia religiosa apresentada como se fosse história. O mito recebia forma histórica através do poder do inconsciente humano de criar lendas em torno de personalidades históricas. No caso dos escritores dos Evangelhos, eles estavam influenciados pela sua reflexão sobre o Antigo Testamento e assim muitos dos mitos sobre Jesus refletem os "mitos" vetero-testamentários.

Em outras palavras, o que temos nos Evangelhos não é um retrato do Jesus que realmente existiu, mas do que foi criado pela fé e pela teologia da Igreja (*Gemeindeftheologie*). Para se chegar ao verdadeiro Jesus, é necessário "limpar" os relatos dos Evangelhos dos acréscimos incorporados pela fé da Igreja nascente. E este o trabalho aos qual se dedicam os 75 membros do "Simpósio de Jesus."

E foi exatamente a publicação dos resultados do "Simpósio" que ganhou a atenção da mídia secular no ano passado, nos Estados Unidos e na Europa. A revista *Time* apresentou a conclusão do grupo de que a vasta maioria das palavras e atos de Jesus registrados nos Evangelhos são puro mito. A controvérsia não é nova. Em fins do século XIX, Strauss e Weisse já haviam incendiado os círculos acadêmicos da Europa com essa idéia, contribuindo para a divisão entre liberais e fundamentalistas nos Estados Unidos durante a década de 1920. É dessa época o clássico *Christianity and Liberalism*, de J. Gresham Machen, uma resposta dos conservadores ao ataque feito pelos liberais contra a confiabilidade dos registros dos Evangelhos. Machen procurou demonstrar que o cristianismo resultante dessa reconstrução liberal do Jesus da história era simplesmente o velho humanismo disfarçado com fachada de piedade. A disputa havia permanecido restrita aos círculos acadêmicos, mas o "Simpósio de Jesus," conforme a reportagem da *Time*, veio dar popularidade à disputa. Como resultado, um número crescente de livros sobre o assunto vêm sendo publicados nos Estados Unidos e traduzidos inclusive para o português, alguns dando total apoio ao trabalho do "Simpósio de Jesus," outros trazendo a resposta dos estudiosos conservadores. Qualquer pesquisa feita na Internet sobre ao assunto revelará uma enorme quantidade de artigos sobre o tema.

A reportagem da *Time* afirma que por séculos a maioria dos cristãos teria considerado impensável uma distinção entre o Jesus da história e o Cristo da fé. Foi somente após a influência do racionalismo e do ceticismo científico nos estudos neotestamentários da Europa que o quadro começou a mudar. Utilizando-se das ferramentas críticas da análise histórica e literária (crítica literária das fontes, da forma, da redação, etc.), os estudiosos críticos do Novo Testamento chegaram à conclusão de que existe pouca coisa histórica nos Evangelhos de que podemos ter certeza. Em 1926, R. Bultmann, eminente teólogo alemão, após concluir que apenas 40 dos ditos de Jesus eram realmente dele, encorajou os demais estudiosos a se concentrarem apenas no Jesus da fé.

Time concluiu que o "Simpósio de Jesus" não está fazendo nada de novo. Mas para Robert Funk, fundador e líder do movimento, o que é novo é a disposição do grupo em tornar públicas as suas conclusões. Em 1993 o grupo publicou um livro com os seus resultados, intitulado "Os Cinco Evangelhos" (*The Five Gospels*), onde se afirma que somente 19% das palavras atribuídas a Jesus são realmente dele. Essas conclusões e

outras têm sido difundidas através de relatórios periódicos publicados pelo "Simpósio" em jornais de grande circulação. Ou seja, o que o "Simpósio de Jesus" está fazendo de novo em relação às outras "buscas" é trazer a discussão ao conhecimento do povo. Antes, era algo restrito aos meios acadêmicos.

Não poucos estudiosos conservadores têm questionado os resultados do grupo. Segundo *Time*, Luke Johnson, um oponente declarado do "Simpósio," afirma categoricamente que os cristãos americanos têm tão pouco conhecimento da Bíblia, e tão pouca mentalidade crítica com relação à mídia, que não são capazes de avaliar e criticar as opiniões dos membros do "Simpósio," veiculadas de forma sensacionalista pelos meios de comunicação como se as mesmas fossem científicas e racionais. Johnson, um ex-padre católico, ataca a falta de seriedade da erudição liberal, corretamente aponta que os resultados do "Simpósio" não representam o consenso dos estudiosos modernos do Novo Testamento, e aconselha os crentes a simplesmente ignorarem o projeto do "Simpósio."

A revista *Newsweek*, por sua vez, publicou uma matéria sobre o tema onde concentra-se em explorar e contrastar os resultados de duas pesquisas de opinião feita entre cristãos dos Estados Unidos acerca da ressurreição de Cristo. O articulista corretamente afirma que o conceito de ressurreição é central para a fé cristã, mas aí explica que "cada geração reinterpreta para si mesma o sentido de Jesus." Ele ainda percebe corretamente que a controvérsia surgiu porque alguns liberais estão tentando substituir o Jesus "cúltico," adorado pelos cristãos, por um Jesus "real" revelado pela pesquisa histórica crítica. Esses estudiosos liberais argumentam que a doutrina de uma ressurreição física impede o povo de ver a importância de Jesus como reformador social.

Uma pesquisa feita pela empresa Harris em 1994 revelou que 87% dos americanos acha que Jesus ressuscitou literalmente dentre os mortos. Outra, feita pela Barna em 1996 descobriu que 30% dos americanos que se consideram cristãos nascidos de novo não aceitavam a afirmação de que Jesus reviveu fisicamente após a crucificação. Ao que parece, um número crescente de evangélicos americanos está aceitando a idéia de que as aparições de Jesus após a sua ressurreição foram um tipo de experiência psíquica que transformou os discípulos. A *Newsweek* erroneamente generaliza ao afirmar: "Os estudiosos certamente concordam que a ressurreição não significa a revivificação de um cadáver. As boas novas do Cristo ressurecto não foi que o seu corpo reviveu, mas que Deus revelou-se de uma forma nova e inesperada." Esse conceito do articulista de *Newsweek* corresponde ao conceito liberal apenas – há muitos outros estudiosos que continuam a afirmar a ressurreição física, literal e corpórea de Jesus.

Já o semanário americano *U.S. News & World Report* publicou matéria na mesma época argumentando que o aspecto mais intrigante acerca desta mais recente fase da "busca" é como as crenças pessoais e as pressuposições dos proponentes influenciam as suas conclusões. As pressuposições do pesquisador acabarão por determinar qual Jesus ele está buscando e definirão que tipo de Jesus é plausível. O autor da matéria revela falta de maior conhecimento sobre o assunto, pois, na verdade, este aspecto não é exclusivo dos novos pesquisadores do Jesus histórico, mas marcou todas as pesquisas anteriores. O ideal de se fazer uma pesquisa histórica totalmente objetiva, sem a influência das convicções pessoais, é inatingível. Por exemplo, o grande pressuposto que controlou até hoje a busca do "verdadeiro" Jesus foi a convicção pessoal da grande maioria dos pesquisadores de que milagres realmente não acontecem (alguns, como Strauss, eram céticos até mesmo quanto à existência de Deus). Logo, o ponto de partida de suas pesquisas é que os relatos dos Evangelhos são historicamente inexatos e não confiáveis.

O que nos impressiona é que alguns dos modernos pesquisadores do "Simpósio" tiveram um passado "evangélico" ou mesmo conservador, antes da "virada." Robert Funk, por exemplo, um dos fundadores do "Simpósio" e líder do grupo, havia sido um jovem pregador avivalista no Texas. O Jesus que ele agora prega "está liberado dos acréscimos artificiais de séculos de tradição eclesiástica," conforme confessa. O Jesus de Funk é uma espécie de Sócrates judaico, uma combinação de sábio secular, crítico social, e cômico, que nunca teve a intenção de fundar uma religião. Já Marcus Borg foi pastor luterano durante muitos anos. Hoje ele admite que havia se tornado ateu e agnóstico já durante aquele período. Após um tempo de afastamento da fé cristã tradicional, Borg voltou à igreja, embora com uma visão de Jesus completamente diferente da anterior. O Jesus em que ele hoje acredita foi, na verdade, um crítico cultural radical, transformado pelos discípulos depois da "ressurreição" em uma pessoa-espírito mística. John Meier continua sendo sacerdote católico ao mesmo tempo em que ensina teologia numa universidade católica. Meier afirma ainda continuar crendo em doutrinas como o nascimento virginal de Jesus, mas acrescenta que ela e outras não podem ser provadas pelo método histórico-crítico. E diz que procura manter separados a sua fé e o seu trabalho acadêmico. Ou seja, a sua fé não depende de que o Jesus em que ele acredita tenha realmente existido ou não. Outro católico participante do "Simpósio" é John Dominic Crossant, vice-presidente do grupo. Ele deixou a batina e a Igreja Católica em 1969, embora ainda se considere católico. Na sua opinião, os Evangelhos são inexatos historicamente na maior parte do que dizem sobre Jesus. Ser cristão é ser poderosamente influenciado pela vida de Jesus. A pergunta fica, entretanto, qual vida de Jesus?

Uma falha imperdoável dessas reportagens – compreensível por terem sido escritas por jornalistas, e não por peritos em crítica histórica do Novo Testamento – é que não consultaram a opinião de outros pesquisadores bíblicos de convicções conservadoras, como Moisés Silva, D. Carson, Douglas Moo, James D. G. Dunn e outros, tão eruditos e tão competentes quanto os integrantes do "Simpósio," mas que continuam crendo em milagres e num Deus presente. São reportagens unilaterais e preconceituosas, num certo sentido.

Algumas críticas podem ser feitas ao projeto da busca do Jesus histórico, da forma como tem sido levada a efeito pelos novos pesquisadores, os membros do "Simpósio de Jesus." Em primeiro lugar, o pressuposto controlador da busca é o racionalismo, exatamente como nas fases anteriores. A razão é usada como o critério máximo para determinar a historicidade ou não dos relatos dos Evangelhos. Assim, a abordagem deles é como se a Bíblia fosse um livro religioso igual aos das outras religiões, contendo elementos mitológicos e lendas. Em segundo lugar, vemos a natureza altamente especulativa das ferramentas críticas utilizadas, como, por exemplo, a crítica da forma, uma análise do texto bíblico que procura explicar o surgimento de determinadas narrativas como sendo produção da comunidade da fé. Em terceiro lugar, não há consenso entre os pesquisadores liberais quanto ao Jesus que procuram reconstruir. Exatamente por causa do alto nível de especulação, o Jesus reconstruído pelos pesquisadores continua sendo menos que convincente. Gabam-se de terem liberado o Cristo da fé, mas não apresentam nenhum Jesus da história que seja realmente plausível e que explique o surgimento da Igreja Cristã.

Finalmente, é verdade que a nossa fé não depende dos resultados das pesquisas históricas. Nossa fé depende, na verdade, da realidade histórica dos fatos acerca de Jesus. Tanto a historicidade dos seus milagres quanto da sua ressurreição são colocados como fundamento da fé cristã. Os escritores do Novo Testamento, embora obviamente não tivessem uma percepção moderna de história, estavam plenamente conscientes do

caráter histórico da fé cristã.

Com o raiar da pós-modernidade, onde o critério da razão tornou-se obsoleto, muitos profetizaram o fim do antigo liberalismo, que se apoiava principalmente no racionalismo. Puro engano. Ele continua vivo e ativo no planeta terra.

O que esta discussão tem a ver com a realidade evangélica brasileira? Muito, especialmente em certos seminários de algumas denominações históricas, onde as mesmas ferramentas utilizadas pelos pesquisadores antigos e atuais são recebidas e empregadas sem crítica. Ainda recentemente li a tese de mestrado de um professor de um desses seminários, que utilizou-se da crítica da forma para provar que o discurso de Pedro no dia de Pentecostes foi na realidade uma elaboração da comunidade lucana, colocada na boca de Pedro com o objetivo de autorizar o discurso da comunidade.

O ressurgimento do antigo liberalismo nos seminários acabará por produzir no Brasil uma geração de pastores e estudiosos que, à semelhança dos integrantes do "Simpósio de Jesus," virão a perder a fé no Jesus histórico. A diferença é que nos Estados Unidos esses estudiosos são geralmente profissionais que se dedicam exclusivamente a esse tipo de pesquisa, e os seus resultados costumam permanecer apenas nos meios acadêmicos onde circulam. Mas no Brasil, devido à situação financeira, a grande maioria dos professores de seminário são também pastores de igrejas locais. E a distância entre o gabinete de estudos e o púlpito é muito pequena.

A "busca do Jesus histórico" empreendida pela erudição liberal continuará. Não precisamos ser profetas para predizer que não o acharão. Ele já está diante dos seus olhos, nas páginas dos Evangelhos, mas os seus pressupostos liberais impedem-nos de vê-lo.

— *Augustus Nicodemus Lopes*